

Continuação da página 9

Portugal festeja, e deve festejar o espírito que o levou a plantar nos ventos dos tempos um cravo vermelho na História. Sempre me foi cara a convicção de que a democracia é um direito fundamental e inalienável do indivíduo. No entanto, devemos atentar neste facto: uma democracia exige balanço e solidez ética, transparência e renovação de mentalidades, integridade e sem afetações e manobras do tribalismo partidário que nos remete para interesses de clube político em detrimento do país, e a noção essencial de que os direitos inferem igualmente obrigações e inerentes responsabilidades. Uma delas é a de estarmos informados e vigilantes, uma obrigação que nos cabe a todos. Sobretudo agora que a retórica e o oportunismo se tornaram numa epidemia universal. Assim como a corrupção nas suas múltiplas, subterrâneas formas.

¹ Resolution 216 (1965) of 12 November 1965

The Security Council

1. *Decides to condemn* the unilateral declaration of independence made by a racist minority in Southern Rhodesia;

2. *Decides to call upon* all States not to recognize this illegal racist minority régime in Southern Rhodesia and to refrain from rendering any assistance to this illegal régime.

Adopted at the 1258th meeting by 10 votes to none, with 1 abstention (France).

² Escreveu-se muito (e justamente) sobre Nelson Mandela. Um dos livros que mais me tocou foi *Knowing Mandela*, escrito pelo jornalista britânico John Carlin.

Para aqueles que se interessam pelos mecanismos político-sociais de África, recomendo, e também de um autor britânico, Martin Meredith, o livro *The Fate of Africa – A History of Fifty Years of Independence*.



Arnaldo Ourique

Teste a sua qualidade política nos 50 anos da democracia

Nós todos sabemos a diferença entre a teoria e a realidade: em tese, a política deveria constituir um exemplo de excelência; na prática, existem péssimos políticos. Em todo o caso, uma coisa é agacharmo-nos perante a adversidade; outra, bem mais distinta, é a necessidade de termos realmente a noção de que sabemos distinguir a teoria da realidade. Muitas vezes pensamos ter os predicados da teoria; mas num assunto de interioridade ética descobrimos que, afinal, não somos assim tão bons.

Este teste que proponho aos amigos leitores – a propósito dos cinquenta anos do abril dos Cravos, da Liberdade e da Democracia – serve para medir essa consciência política. Em tese, a matriz é exigente – porque quando está em causa a humanidade e a sua evolução para o bem-estar da maioria da humanidade não nos podemos deixar enganar: ou levamos a política a sério ou nunca mais nos endireitamos do atual quadro desequilibrado, mas perigoso porque constante e permanente. Esse quadro é simples: vivemos com as melhores e mais avançadas tecnologias; mas em política vivemos com avantajado atraso. A meio de tanta turbulência, talvez seja apenas ruído e não crise: numa recente sondagem 87% dos portugueses quer a democracia; isso significa que apenas 13% não têm inteira consciência política. Mas em outras respostas verifica-se um misto de ilusões políticas; tudo pesado estamos bem, só que necessitamos nos esforçar mais, e continuamente.

O quadro I possui seis questões e cada uma tem duas respostas que se deve escolher uma. Escolha as suas respostas. Depois, com elas, verifique no quadro II os pontos que obtém. E, por fim, com o quadro III verifique a sua qualidade cidadã. Não tenhamos ilusões: ou temos com empenho essa matriz e que são 60 pontos, ou não temos; mas não se preocupe, poucos a terão, porque no topo estão muito poucos em função das nossas fraquezas humanas ditadas por regras naturais e existenciais. Mas, se obtiver cerca de quarenta pontos já é um cidadão razoável. Em todo o caso, não se preocupe em demasia: todo este tipo de análise visa contribuir para o esclarecimento e nunca para menosprezar a pessoa humana. Cada um dentro de si tem um universo que ninguém conhece e que é universal pela sua singularidade irrepitível. E como somos uma República que se baseia na dignidade da pessoa humana – em todas as circunstâncias somos respeitados como tal. Eis então.

Quadro I: Pergunta e resposta. Escolha uma resposta em cada questão.

Questão 1: De quem é o planeta?	
Resposta, escolha apenas uma:	
1	Dos humanos
2	Dos países
Questão 2: De quem são os países?	
Resposta, escolha apenas uma:	
3	Do cidadão
4	Do governo
Questão 3: Como conheço o governo?	
Resposta, escolha apenas uma:	
5	No dia a dia através do conhecimento e do diálogo
6	Através das eleições e pelos próprios governos

Questão 4: Como eu penso?

Resposta, escolha apenas uma:

7	Penso para mim e para o coletivo
8	Penso para mim

Questão 5: Os governos é que sabem a verdade?

Resposta, escolha apenas uma:

9	Não
10	Sim

Questão 6: A fiscalização da política e do político?

Resposta, escolha apenas uma:

11	Deve ser feita permanentemente
12	Não é necessário sempre, só algumas vezes

Quadro II: Regras e pontuação

Questão 1.	Pontos
Resposta 1	10
Resposta 2	0
Questão 2.	Pontos
Resposta 3	10
Resposta 4	0
Questão 3.	Pontos
Resposta 5	10
Resposta 6	3
Questão 4.	Pontos
Resposta 7	10
Resposta 8	1
Questão 5.	Pontos
Resposta 9	10
Resposta 10	0
Questão 6.	Pontos
Resposta 11	10
Resposta 12	3

Notas do pouco mais. As que têm 3 pontos são incorretas, mas têm algum aproveitamento. A que tem apenas 1 ponto justifica-se num mínimo atendível; nem todos têm a mesma capacidade. As que têm zero pontos são inadmissíveis no estágio atual da humanidade; o cidadão tem de se esforçar um

Quadro III: Classificação da qualidade cidadã

De 0 pontos a 60 pontos				
Necessita renascer em quase tudo. A sua atuação na política é um perigo.	Fracamente necessita formação urgente.	Sofrivelmente necessita formação adequada.	Bom	Excelente